

## TEM QUEM ME ENXERGUE PEDAGOGO: OS CAMINHOS DO RAP NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Davison da Silva Souza<sup>1</sup>

João Pedro Oliveira<sup>2</sup>

Maria Kellynia Alves Farias<sup>3</sup>

### RESUMO

Em um contexto de um país marcador pela diversidade e desigualdade racial, este trabalho visa investigar o papel do Rap no campo da educação na perspectiva antirracista, produzindo e reverberando senti-pensamentos de resistência. Esta pesquisa dialoga sobre a importância deste gênero musical como estratégia na construção de uma educação antirracista. Diante disso, essa pesquisa qualitativa foi tecida com a bibliografia de autores/as e artistas intelectuais como: Racionais Mc's (2018); Nogueira (2020) e Gonzalez (2020). Afirmamos por fim, que o Rap como sujeito de denúncia das injustiças, do racismo na sociedade, e do racismo transmitido pela escola, é anunciador na construção de educações (no plural) outras que sejam antirracistas e privilegiam currículos fora do cânon brancoecêntrico e eurocêntrico.

**Palavras-chave:** Rap. Educação antirracista. Educação para as relações étnico-raciais.

## THERE ARE THOSE WHO SEE ME AS A PEDAGOGUE: THE PATHS OF RAP IN ANTI-RACIST EDUCATION

### ABSTRACT

In a context of a country marked by diversity and racial inequality, this work aims to investigate the role of Rap in the field of education from an anti-racist perspective, producing and reverberating feelings-thoughts of resistance. This research dialogue on the importance of this musical genre as strategy a in the construction of an anti-racial education. In view of this, this qualitative research was woven with the bibliography of authors and intellectual artists such as:

---

<sup>1</sup> ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8597-4933>> Universidade Estadual do Ceará (UECE); FAFIDAM/FECLESC. Pedagogo pela Universidade Estadual do Ceará e professor Alfabetizador da rede Municipal de Fortaleza. Mestrando em Educação e Ensino (MAIE-UECE). Compõe a coordenação do Coletivo Mapinduzi – grupo de estudos vinculado ao Curso de Pedagogia da UECE. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5879358723019951>> E-mail: [davison.souza@aluno.uece.br](mailto:davison.souza@aluno.uece.br)

<sup>2</sup> ORCID: <<https://orcid.org/0009-0007-7230-8783>> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); Instituto de Humanidades (IH). Estudante de pós-graduação do Mestrado Acadêmico em Humanidades (MIH), graduando em história e Bacharel em humanidades pela UNILAB. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0003545260259302>> E-mail: [jotapedro085@gmail.com](mailto:jotapedro085@gmail.com)

<sup>3</sup> ORCID: <<https://orcid.org/0009-0000-8645-1328>> Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Federal do Ceará; Prefeitura Municipal de Caucaia. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pedagoga Antirracista, professora na Educação Básica da Prefeitura Municipal de Caucaia e substituta da Universidade Estadual do Ceará. Atuando com Formação, Relações étnico-raciais, EJA, Educação Indígena e Pretagogia. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0941953008845891>> E-mail: [kellynia\\_farias@yahoo.com.br](mailto:kellynia_farias@yahoo.com.br)

Rational Mc's (2018); Nogueira (2020) and Gonzalez (2020). Finally, we affirm that Rap as a subject of denunciation of injustice, racism in society, and racism transmitted by the school, is an advertiser in the construction of other educations (in plural) that are anti-racist and privileges curricula outside the white-centric and eurocentric canon.

**Keywords:** Rap. Anti-racist education. Education for ethnic-racial relations.

## 1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Minha palavra vale um tiro  
eu tenho muita munição  
(Racionais, 2009)

Ao decorrer da história do Brasil, a educação formal foi profundamente marcada como um espaço-tempo arquitetado pela branquitude, fomentador de um pensamento excludente que nega saberes outros fora do cânone branco-eurocêntrico. Portanto um lugar que reproduz o racismo presente na sociedade, por meio das ausências de corpos negros com identidade positiva e da presença de corpos brancos ocupando a centralidade de cargos e das histórias repassadas por ela.

Neste contexto, foram muitas as formas de resistência frente a estes processos, dentre elas, apresentamos o Rap como um agente educador nessa sociedade racista, comungando com Gomes (2017) acreditamos que o Movimento Negro (apontamos o Rap como parte desse corpo) tem sido um importante sujeito na luta por transformações sociais inclusive no espaço escolar. Acreditamos que o espaço-tempo da escola não é imutável, mas é passível de transformação (Freire, 2021) por isso a necessidade de lutar para que a educação seja antirracista.

Dessa forma, temos como objetivo geral investigar o papel do Rap no campo da educação na perspectiva antirracista, produzindo e reverberando senti-pensamentos de resistência. Para tal, adotamos uma pesquisa qualitativa, pois ela “[...]considera a concepção de mundo do pesquisador, sua subjetividade e busca compreender fenômenos vivenciados pelos sujeitos[...]” (Polak; Diniz, Santana, 2011). Como procedimentos, optamos pela pesquisa bibliográfica e documental, visto que, nos permite – assim como Ananse (Ducan, 2015) - tecer diálogos com a literatura existente sobre a temática. O referencial teórico transita entre as produções diferentes perspectivas, dentre os quais podemos citar: Racionais Mc’s (2018); Gonzalez (2020) e Nogueira (2020), a fim de construir um referencial-teórico antirracista que dialogue com a temática dissertada nessa pesquisa em suas múltiplas formas de registro e manifestação.

Por fim, estruturamos a pesquisa em três seções, sendo a primeira uma apresentação e tensionamento sobre a educação e o Rap como um agente educador na sociedade racista brasileira; a segunda seção dialoga sobre os possíveis caminhos que o Rap pode fomentar para a construção de uma educação verdadeiramente antirracista dentro e fora da escola; e por fim, apresentamos a (in)conclusão dessa pesquisa, anunciando a urgência de uma educação antirracista.

## 2 RAP E EDUCAÇÃO: ENLARGUECENDO AS VEREDAS IMPOSTAS PELO COLONIALISMO

Nos livros de história  
os nossos algozes são retratados como heróis  
e nós, seres sem vida, sem história  
(Jhony Mc, 2020)

Ao longo do processo de formação da sociedade brasileira, podemos perceber que a educação formal, ou seja, aquela que é administrada predominantemente pelo poder governamental, como direito fundamental, deveria ser garantida a todas as pessoas, sempre foi negada/precarizada às populações negras. Quando os povos negros conquistam o direito ao acesso à educação básica a permanência lhe é negada, causando o que Paulo Freire vem chamar de “expulsão”<sup>4</sup>.

Salientamos que, mesmo que as populações negras estejam no sistema escolar, essa escola ainda é marcada pela branquitude e apresenta a essas crianças uma história oficial, eurocêntrica e heteronormativa. Como afirma a professora Lélia Gonzalez:

Se refletirmos um mínimo sobre a questão, não teremos dificuldades em perceber o que o sistema de ensino destila em termos de racismo: livros didáticos, atitudes de professores em sala de aula e nos momentos de recreação apontam para um processo de lavagem cerebral de tal ordem que a criança que continua seus estudos e que por acaso chega ao ensino superior já não se reconhece mais como negra (Gonzalez, 2020, p. 39).

Com isso, podemos perceber que a escola ignora e/ou subalterniza diversas culturas/saberes e a pluriethnicidade da população brasileira. A Lei 10. 639/03 – fruto histórico da luta do Movimento Negro - trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-

---

<sup>4</sup> Segundo Freire (2020, p. 87 grifos do autor): “Em primeiro lugar, eu gostaria de recusar o conceito de evasão. As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são *expulsas* da escola”.

brasileira e africana nas escolas de educação básica, sejam públicas ou privadas, ainda recebe muita resistência para ser consolidada efetivamente. A esse respeito. O professor Renato Noguera relata que:

[...] o Plano Nacional para a Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais lançado em 2008 surgiu para subsidiar, apoiar e regulamentar as ações em prol da modificação das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. O documento não deixa dúvidas, toda a sociedade brasileira é destinatária dessas ações; negras, negras e indígenas não devem ser definidas(os) como agentes exclusivas e exclusivos das políticas e prol de uma educação antirracista (Noguera, 2012, p. 70).

Durante nossa trajetória na educação básica pública, de 2004 até 2014, não houve a inclusão desta Lei no currículo, os componentes curriculares e ministrados pelos/as educadores/as pautavam-se ainda pela perspectiva branca, privilegiando a visão de mundo cartesiana e conseqüentemente a literatura transmitia seus heróis/heroínas brancos/as, pois como considera Gonzalez as “Práticas educacionais, assim como textos escolares, são marcadamente racistas”. (2020, p. 68)

Compreendemos, assim como lembra Paulo Freire (2021), a necessidade de afirmar que a educação não é uma ação neutra, pois ela carrega ideologias, portanto, o currículo oficial ao negar os saberes e culturas negras se apresenta como representante da ideologia burguesa e racista dominante. Coadunamos com Hooks ao afirmar que “a educação que a maior parte de nós tinha recebido e que estávamos exercendo não era e nunca poderia ser politicamente neutra”, (2013, p. 30) por isso nosso compromisso com a perspectiva crítica,

Diante do exposto, voltamo-nos para uma leitura de educação outra, representado pelos movimentos, pelas oralidades, pelos corpos-resistências, como o Rap, que pode ser lida como uma forma de educar, na perspectiva de Brandão, ampliando nosso entendimento sobre o tema, pois:

Tão grande quanto tudo o que é humano é a educação.  
e também tão corriqueira e tão terrível.  
Ela não vive apenas na escola e no sistema, mas na vida.  
E todas as suas teorias, métodos e artifícios pedagógicos  
não tornam a sua pequena trama de trocas entre as pessoas  
muito diferente do que tem sido vida afora, entre conversas de avós e netos.  
Nada existe nela de eterno ou de absoluto.  
[...] Por isso, quando dentro dela o homem transforma  
as regras do trabalho e as leis da divisão dos seus frutos,  
do mesmo modo a educação muda os seus  
nomes e varia de um sistema ao outro os princípios do trabalho de que é [feita]  
(Brandão, 1985, s/p).

Neste lugar, o Rap como agente educador que instiga a uma leitura crítica da palavra-mundo desde as periferias e seus corpos-territórios, assim educar pode acontecer em diversos espaços. Freire salienta que) “A escola não é o único espaço da prática pedagógica. A sala de aula também não poderá ser o único espaço da prática pedagógica.” (2020, p. 65). Assim, cabe afirmar que a prática pedagógica ocorre na vida diária, nas favelas, periferias, becos e vielas. Chamaremos esse tipo de educação de não formal ou informal, impregnada de vida (Libâneo, 2012).

Portanto, esse tipo de educação se caracteriza pela liberdade, ela pode ocorrer em diversos espaços da sociedade, na rua, na conversa entre amigos/as, nos bares, e ocorre nas letras e batidas do Rap. Esse estilo musical é lido até hoje como música marginal, com isso Clovis Moura ressalta que,

Assim, como o negro foi marginalizado social, econômica e psicologicamente, também foi marginalizado culturalmente, sendo, por isso, toda a sua produção cultural considerada subproduto de uma etnia inferior ou inferiorizada. (2019, p. 242).

Consequentemente, o Rap como parte da cultura negra marginalizada carrega consigo diversos estereótipos impostos pelo grupo dominante, tais como: “estilo musical inferior”, “agressivo” e até mesmo “música de bandido”. Contudo, o Rap vai muito além disso e se sobrepõe a esses estigmas se tornando um importante meio de conscientização e emancipação das populações negras no Brasil.

Através de suas letras e batidas, o Rap dialoga sobre temas pertinentes para a construção de uma sociedade antirracista e verdadeiramente democrática. O estilo musical também ergueu a voz de inúmeras pessoas negras e periféricas que não se reconheciam numa sociedade branca e racista. Sendo um gênero e suporte para as oralidades afrodiáspóricas, transmite valores e culturas afroancestrais ressignificados nos contextos dos sujeitos, bem como Oliveira afirma que:

Desde o princípio o rap nacional vai se reconhecer enquanto gênero cantado por negros que reivindicam por uma tradição cultural negra por meio de um discurso de demarcação de fronteiras étnicas e de classe que denuncia o aspecto de violência e dominação contida no modelo cordial de valorização da mestiçagem (Racionais MC 'S, 2018, p. 25).

O grupo Racionais Mc's foi decisivo na primeira fase do Rap brasileiro, sendo um importante agente educador ao afirmar politicamente a raça como positiva, a periferia como

lugar de construção de diversos saberes e ao denunciar a opressão policial e estatal a essa camada da população brasileira. Segundo Oliveira o álbum dos Racionais

[...] Sobrevivendo no inferno foi sendo reconhecido como uma das grandes obras-primas da música popular brasileira [...] essa nova maneira de tematizar o cotidiano periférico teria impacto em diversos segmentos artísticos, com literatura, o teatro, o cinema e a televisão, tornando o grupo uma espécie de vetor para as mais diversas produções artísticas da periferia (Racionais Mc'S, 2018, p. 22).

Dentre os vastos debates propostos pelo Rap, temos a apropriação cultural analisada na letra de bluesman (2019) do rapper baiano Baco Exu do blues. Em sua canção ele diz: “Tudo que quando era preto era do demônio, depois virou branco foi aceito eu vou chamar de blues. É isso, entenda, Jesus é blues” (Exu, 2019, s/p). Nessa letra, Baco discute como a branquitude se apropriou de inúmeros estilos musicais e produções culturais tipicamente negras e as embranquece, em um movimento de esvaziar os sentidos construídos historicamente pela cultura negra. A gíngua entre denúncia e anúncio, compõe a canção junto a criticidade da letra, reconhecendo e valorizando a cultura negra no sistema cultural brasileiro.

Outro exemplo desta perspectiva formativa, se encontra na canção exóticos (2018) do rapper BK. Essa música dialoga sobre a sexualização de corpos negros, tidos pelo senso nacional como exóticos, apenas como corpos de domínio para o prazer de pessoas brancas. Já a rapper Preta Rara na música “cabelo bom” (2018) traça uma narrativa sobre o embranquecimento da população brasileira e da falta de representativa negra em espaços de poder e dos diversos estereótipos envolvendo a mulher negra. Na canção ela ressalta que “Na escola nunca ouvir falar de Dandara. Somos obrigados a aprender o que é de fora” (Rara, 2018, s/p).

Denunciando através da sua letra o sistema educativo eurocêntrico. As juventudes pretas e periféricas vivenciam ainda a experiência da violência também pelo Estado, tanto de forma explícita, como implícita, ao não se reconhecerem na escola, que nega seus corpos juvenis, em um movimento que alimenta uma perspectiva necrófila do educar para manutenção dos interesses do *status quo*.

Thiago Elnino na canção pedagógica (2017) também denuncia essa educação tradicional, que pauta seu currículo na percepção de uma história única (Adiche, 2019), negando a corpos negros saberes e a cultura dos seus povos. Segundo Elnino,

Não sei se a escola aliena mais do que informa  
te revolta ou te conforta com as merda que o mundo tá  
nem todo livro foi feito para livrar  
depende da história contada e também de quem vai contar  
Para mim contaram que o preto não tem vez  
E o que que o hip hop fez? Veio e me disse o contrário  
[...]o hip hop me falou de autonomia  
autonomia que a escola nunca me deu  
a escolha me ensino a escolher caminhos  
dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu (Elnino, 2017, s/p).

Durante a canção Thiago reforça a importância do hip-hop e consequentemente do Rap como agente educador que ressignifica estereótipos, politiza e ressalta a beleza de corpos negros/as, além de apresentar caminhos circulares e perspectivas que a escola não ensina a pessoas negras. A leitura de mundo que o Rap compartilha com as pessoas que são historicamente discriminadas, subverte a ordem racista de dominação e alienação frente a uma sociedade estruturalmente racista com ensinamentos coloniais e “bancários”.

A relação estabelecida desde o Rap como expressão da tradição oral africana na diáspora, atravessa corpos, movimentos através dos valores civilizatórios afetando mentalidade como Allan da Rosa, com a Pedagoginga:

A estrutura mental afro-brasileira é integrativa e não excludente, humanista e não tecnicista, polivalente, visa à unidade dos elementos em sua diversidade e não a sua fragmentação, abre espaço ao inesperado e ao desconhecido que trazem novos arranjos e formas de entrosamento, caules novos desenvolvidos de raízes ancestrais (Rosa, 2013, p. 60).

Este legado que a ancestralidade produz, se manifesta nas canções de rap analisadas que apontam para uma proposta educativa tanto em conteúdo a ser compartilhado quanto a sua metodologia. Há uma profundidade estética-corporal que dialoga com as juventudes e fomentam debates a partir da leitura de mundo compartilhada por atores e atrizes envolvidos/as nesses processos, sendo um público que ainda precisa de maior compreensão de suas complexidades nos espaços educativos.

### 3 JUVENTUDES NEGRAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: TESSITURAS DE CAMINHOS POSSÍVEIS

Não existe causa perdida  
enquanto tiver alguém que lute por ela  
(Jhony Mc, 2020)

Nossas vivências, percursos formativos e organização levam-nos às trilhas de *sankofa* – pássaro mitológico dos povos de língua Akan –, formando um movimento circular ancestral de resgate do passado, mantendo os pés fixos no presente para a construção de um futuro antirracista. É preciso refazer os passos até aqui, para compreender como chegamos a dados alarmantes em 2018 que 75% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. Entre 2008 e 2018, enquanto a taxa de homicídios entre pessoas não-negras caiu 12,9%, a mesma taxa entre pessoas negras aumentou 11,5%. (Cunha, 2020).

Entendemos que diante de um cenário em que os dados da violência contra a população negra reafirmam o necropoder do racismo é preciso ressignificar os caminhos pedagógicos e os propósitos da escola. Um deles passa pelo reconhecimento do racismo como parte determinante no não acesso a políticas públicas, pela interdição dos corpos negros e pela necessidade de construção de escolas outras, passando pela necessidade de efetivação da Lei 10.639/2003 nas escolas, fruto da organização do movimento negro, que como o Renato Nogueira ressalta:

[...] o movimento negro brasileiro, através de estratégias, negociações, ponderações e alianças, protagonizou a formulação da Lei 10. 639/03 e o apoio decisivo, cinco anos depois, à Lei 11. 64/08. [...]As referidas leis instituem a mudança do Art. 26-A da Lei 9. 394/96, a LDB. Portanto, ficou estabelecido que os estudos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígenas são obrigatórios em todas as modalidades de ensino e níveis de educação (Nogueira, 2020, p. 17).

E neste contexto, as juventudes constituem suas estratégias de sociabilidade e organização, nos espaços não formais de educação, muitas vezes percebidos como menos importantes ou transgressores, sendo o Rap um destes espaços-tempo formativos. O Rap, em sua essência, tem ato de evidenciar a importância de quem veio antes e o poder da representação/representatividade, além dos inúmeros debates sociais que envolvem, originalmente, as letras do gênero musical, constituindo-se como possibilidade de construção de uma educação antirracista, numa perspectiva libertadora e transgressora, como bem defenderam Freire (2021) e Bell Hooks (2013).

É de extrema importância trabalhar com as juventudes<sup>5</sup>, o fato de que muitas pessoas começaram do mesmo ponto de partida e se tornaram pontos de ruptura dentro do sistema colonial racista, e foram apagadas/silenciadas/invisibilizadas da “história oficial”. O sentir-se sozinho/a é uma política intencional promovida pela branquitude para que pessoas negras não se reconheçam enquanto negras, e com isso possam comungar com o pensamento hegemônico. Quando construímos uma ligação entre os/as personagens da história e nós (a população negra) a força ancestral nos toma por inteiro.

Para sonharmos com uma educação antirracista e que nossas juventudes tenham conhecimento ou melhor “ConheciPreto” – termo esse, pensado pelo autor para referenciar as criações e produções culturais das populações afro-brasileiras e afro-diaspóricas que foram apagadas pelo conhecimento e currículo colonial – É necessário que as inúmeras referências antirracistas em nossa história sejam evidenciadas e esses/as indivíduos que fizeram revolução antes de nós também sejam, o que não acontece com frequência em nossa estrutura de ensino.

Podemos perceber o ensino e o currículo se padronizarem e canonizarem personagens que não abordaram e nem, mesmo que indiretamente, colaboraram para pensamentos e ações antirracistas. Como vamos abordar o antirracismo nas escolas se quem está a frente não tem acesso a essas referências ou opta por não dar a importância devida para elas? Nesse quesito o Rap já vem educando muitos jovens, crianças e adultos sobre a beleza e a força da ancestralidade negra, nos versos da letra “Sou Negrão” (2010) do Rapper Rappin Hood, ele nos apresenta pessoas de referência que nos ajudam a dialogar em nossas comunidades.

ILÊ AIYÊ, OLODUM

E aí mano brown

TRIO ELETRICO, BAHIA, CARNAVAL

Ivo Meirelles, Jamelão e aí Mangueira

Luta marcial, jogar capoeira

Negra mulher, preta Dandara

Leci Brandão, Jovelina, Ivone Lara

Cabelo rasta, dança afoxé

Anastácia e Benedita, muito axé

Djavan e o seu som genial

O rei do balanço, mestre James Brown

[...] E a reunião da grande massa black

Acontece aqui, nos versos do samba-rap

Na intenção de ver um dia o negro sorrindo (Hood, 2010, s/p).

---

<sup>5</sup> Durante este trabalho utilizaremos o termo “Juventudes” no plural, para evidenciarmos as múltiplas juventudes existentes no Brasil, e com isso, suas múltiplas realidades.

Ao lembrar dos/as ancestrais recordamos a relevância da memória e da força de quem veio antes para seguir acreditando, educando, como Rappin Hood cantou em parceria com Leci Brandão. São nessas letras que as juventudes têm o contato com referências da luta antirracista presentes na história, além da nossa ancestralidade que é um conceito essencial para entendermos que as lutas travadas no hoje, fazem parte das lutas históricas travadas no ontem.

O contato das juventudes negras com a ancestralidade se apresenta como potencial de pertencimento, de descoberta de si, de encontro ao outro, e com isso reconhecer que nossos corpos-pronúncia carregam consigo o ato de transformar a realidade em que vivemos.

O Rap é a porta de entrada de muitos jovens para o mundo da cultura e das artes e faz isso sem o apoio das forças governamentais, por isso o rapper Emicida defende na música Isso não pode se perder (2014), a ideia de que “o rap salvou mais moleque que qualquer projeto social” pois ele tem ciência de como o conteúdo presente nas linhas tem a potência de mudar vidas. Não só Rappin Hood mas outros rappers já consagrados como Sabotage, Mano Brown traziam em suas letras tais referências:

Alternativa pra criança aprender basta quem ensina  
Essa é a verdade, criança aprende cedo a ter caráter  
A distinguir sua classe, estude, marque  
Seja um mártir, às vezes um Luther King, um Sabotage  
(Sabotage, 2016, s/p).

As rimas de Mauro Mateus dos Santos, conhecido como Sabotage, ingressam nas periferias de forma mais eficiente do que muitos métodos de ensino presentes no nosso sistema educacional bancário. Sabotage na primeira linha do verso já nos convida a pensarmos como estamos desenvolvendo nossa educação de base, pois “para a criança aprender basta quem ensina” e é nesse momento que o Rap age como sujeito ativo de mudança, pois nos convida a pensar como nós, corpo docente, estamos passando nossos ensinamentos para os/as discentes de todos os níveis.

Estamos trabalhando uma educação "bancária" como aborda Paulo Freire? Ou estamos trabalhando de modo que respeitamos as diferenças e vivências daqueles que vêm à escola na intenção de aprender? Podemos observar que apenas uma frase contida na letra de um Rap carrega um potencial gigantesco. O Rap tem se tornado bastante popular em meio as plataformas de *streaming*<sup>6</sup>, cada vez mais as juventudes têm consumido o gênero musical, então

---

<sup>6</sup> *Streaming* é uma forma de distribuição de dados digitais, onde o usuário pode assinar um dos planos de uma plataforma digital e ter acesso a músicas, filmes, séries e o que mais a plataforma pode oferecer.

não seria o Rap um aliado na luta contra a educação violenta que agride talentos, saberes e padroniza escolhas? Ainda no debate sobre representatividade, tanto de ancestralidade de quem já se foi como os/as que ainda estão aqui hoje, podemos ver o Rap como um forte aliado nessa educação antirracista.

Segundo pesquisa feita pela Organização de Advogados do Brasil (OAB) disponibilizada no site Portal Aprendiz (20109, s/p), no Brasil 82% da população Trans sofre com a expulsão<sup>7</sup> escolar. No movimento Hip-Hop temos uma artista negra e trans cantando sobre seus objetivos de ascender socialmente, economicamente e usando o Rap como essa escada. Essa artista é Bianca Manicongo mais conhecida como “Bixarte”, em seu vídeo clipe da música Black Bitch Travesti (2021) é representado uma frase muito potente que impulsiona a população trans a se levantar e resistir contra esse sistema heteronormativo. “A cada 80 balas disparadas serão 80 travas formadas”, o peso dessa frase que ecoa como um chamado para uma revolução educacional não pode ser tratada como marginal, tem que ser central.

Devemos e podemos trabalhar nas escolas com as produções de Bixarte e tantas outras artistas. Utilizando os versos de Rap da Bianca Manicongo como parte do currículo escolar para uma construção social tanto dos/das discentes que fazem parte da população LGBTQIAP+, como dos/das que não fazem parte.

No projeto Poetisas no Topo 2 (2017), produzido pela produtora musical Pineapple Storm, as artistas Stefanie e Winnit<sup>8</sup> trazem em suas letras frases de poder, chamados a mudança e evidências de como se vive uma mulher negra nessa sociedade atual.

Sem dona, sou minha própria dona;  
Vão querer montar se não se posiciona [...]  
Ó pátria amada de filhos abandonados, mulheres e mães solteiras vivendo como tem dado;  
Ó pátria armada, fruto do patriarcado que quer defender o ventre e não o corpo violado. (Stefanie; Winnit, 2017, s/p).

A ancestralidade e o pensamento de Lélia Gonzalez, uma mulher negra que tem seu nome marcado na história da luta, está presente nas linhas de cada Rap feito, nas vivências de tantas outras MC's que também sentem na pele toda a opressão destilada por este sistema colonial e racista que nascemos inseridos. Sendo assim, estabelecendo este diálogo entre as

---

<sup>7</sup> Recusamos o termo “evasão”, pois acreditamos que o sistema escolar é estruturado para que esses corpos (fora do padrão) não consigam permanecer nele.

<sup>8</sup> Até então reconhecida como mulher cis. Porém, atualmente (2022) Winnit se reconhece como homem trans. Utilizamos os versos por conta de sua compatibilidade com as ideias tecidas no trabalho até então.

ideias de Lélia Gonzalez e as artistas atuais podemos potencializar para que textos-escola-vida sejam uma constante para constituição de uma práxis antirracistas, formando estudantes para uma cidadania não excludente e tolerante às violências como o racismo.

Stefanie e Winnit são duas mulheres negras transformando suas dores em arte, mas sem intenção nenhuma de "emocionar", mas sim de tensionar mudanças de atitude. Esse ato de tensionar, de lutar por direitos, de se mobilizar se encontra nos escritos de Lélia Gonzalez em seu livro *Por um feminismo Afro-Latino-Americano* (2020), dedicando um capítulo específico à mulher negra. Nele temos uma carta de denúncia organizada pelo Nzinga-Coletivo de Mulheres Negras, que Lélia Gonzalez (Movimento Negro) fazia parte junto com Jurema Batista, Geralda Alcântara, Sonia C. da Silva, Sandra Helena, Bernadete Veiga de Souza (Movimento de favelas), Miramar da Costa Correia (Movimento de Bairros), Victoria Mary dos Santos (Movimento Negro). Essa carta apresenta a mesma essência que o Rap, a denúncia, o grito, a organização. Segundo as organizadoras desta carta:

A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira. (Gonzalez, 2020, p. 100).

Levando em consideração quem canta, Winnit poderia ter escrito esta carta, ao atacar o patriarcado e suas estruturas em forma de arte. Essa mesma carta também traz as denúncias de inúmeros casos de racismo sofridos por mulheres negras, tais como o caso de Aglaete Nunes que sofreu violência policial, o de Alzira Fidalgo que foi vítima de racismo em uma loja no Rio de Janeiro, dentre outros.

O chamado de Stefanie para se posicionar é munição<sup>9</sup> para as juventudes que são historicamente desencorajadas a se colocar como o simples “alguéns ou números”, vários/as jovens crescem se achando incapazes, inseguros, ouvir a artista rimando pode ser levado como uma injeção de ânimo para as juventudes negras. E foi isso que a carta de Nzinga fez pelas mulheres negras em geral, denunciou injustiças e encorajou muitas mulheres naquela época a fazer o mesmo.

---

<sup>9</sup> Fazendo referência a música capítulo 4 versículos 3, do grupo Racionais Mc's, em que dizem “Minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição”, ou seja, que as letras de Rap são munições que ajudarão as juventudes na luta contra o sistema racista

A obra de Lélia Gonzalez dialoga diretamente com o texto de nossas rappers de hoje. O Rap tem toda a estrutura para se fazer um caminho alternativo para uma educação antirracista pois demonstramos que obras literárias, que até então eram assimiladas como o único caminho para a educação, dialogam e se complementam com o Rap e suas letras. Além disso, a forma de se perceber, de se representar nas músicas, impulsiona a ruptura com os mecanismos de subalternização que cotidianamente tentam impor aos corpos negros, gerando através de uma presença positivada da voz, mesmo que ainda marcada pelos traumas históricos e violências do racismo, revelam capacidade de ressignificação e empoderamento das juventudes.

É importante destacamos que a luta antirracista é um compromisso tanto de pessoas negras como de pessoas brancas, já que a população branca se beneficia diretamente com os privilégios oferecidos pelo sistema racista, segundo Djamila Ribeiro (2019, p. 36) “[...] o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele”. Com isso, reafirmamos a importância de um compromisso político/social antirracista dentro e fora das escolas. Este movimento se reconhecer nos diferentes espaços de poder predominantemente brancos também é fruto da resistência negra, através do movimento negro em suas muitas possibilidades, homens negros jovens ocupando espaços de autoria acadêmica, representa legado coletivo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS OU “VOCÊ NÃO PODE PARAR”**

Com este trabalho procuramos reconhecer a importância do Rap como ferramenta na construção de uma educação antirracista, que leve em consideração os saberes múltiplos e a pluriethnicidade da nação brasileira. Dividimos este estudo em duas partes; a primeira parte trouxe um diálogo sobre a educação e sua relação com o rap - gênero musical negro de anúncio e denúncia. A segunda parte discutiu as potencialidades do rap para a construção de uma educação verdadeiramente antirracista e democrática no cenário em que a educação brasileira reproduz o pensamento de hegemonia da supremacia branca.

As análises demonstraram que o rap se constitui como estratégia importante na construção de uma educação outra que guarda as marcas da ancestralidade afro-diaspórica ressignificadas nos contextos de seus sujeitos, sejam com crianças, jovens e adultos, mesmo que sendo um gênero que dialoga de sobremaneira com as juventudes negras e periféricas. Demonstra ainda como as escolas poderiam dialogar com os múltiplos assuntos abordados nas letras de rap, bem como sua metodologia que valoriza a tradição oral e o corpo, para a

construção de conhecimentos significativos e que valorizem os diversos saberes, tanto os abordados nos currículos quanto os saberes por eles negados, como os saberes negros/as e indígenas.

Portanto, vale destacar que é necessário que haja um compromisso político-social com a luta antirracista, tanto de pessoas negras como de pessoas brancas, e se a escola reproduz o racismo presente na sociedade é de suma importância que as pedagogias e saberes utilizados nela sejam de caráter contracoloniais e antirracistas.

## REFERÊNCIAS

ADICHE, C. N. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília**, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 05 abr. 2023.

BIXARTE. B.B. Travesti (a nova era parte III). **Youtube**, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/Y5kvwV16hU>. Acesso em: 10 out. 2021.

BLUES, B.E. Bluesman. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtu.be.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em: 27 set. 2021.

BK. Exóticos. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/SXhvAS83vKs>. Acesso em: 27 set. 2021.

COSTA, M. A. A. de; SOUZA, D. da S.; SILVA, F. M. C. da. Práticas educativas e sociais realizadas pelo NUA Afro. **Rev. Pemo**, Fortaleza/CE, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2020.

CUNHA, M. Atlas da Violência: 75% das pessoas assassinadas no Brasil são negras. **Senado Federal**, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/08/31/atlas-da-violencia-75-das-pessoas-assassinadas-no-brasil-sao-negras>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DUNCAN, Q. Anancy y el tigre en la literatura oral afrodescendiente. **Cuadernos de literatura**, Cuadernos de literatura, v. Vol. XIX, n.º3, p. 65-78, 1 dez. 2015.

ELNINO, T.. Thiago Elnino – Pedagogia (part. Sant e Kmkz) – vídeo clipe oficial. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/IEM-zYi7hcs>. Acesso em: 16 ago. 2021

EMICIDA. Isso não pode se perder. **Youtube**, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/AonYAu7ilz4>. Acesso em: 10 out. 2021.

FREIRE, P. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. 2ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

GARCIA, C. O acesso à educação para a população trans e a importância de políticas de permanência. **Portal Aprendiz**, 26 de julho de 2019. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/07/26/o-acesso-educacao-paara-populacao-trans/>. Acesso em: 10 out. 2021.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MC'S, R. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, p. 62-73, maio-outubro, 2012.

NOGUERA, R. **O ensino de filosofia e a Lei 10. 639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

O EDUCADOR: exercícios de compreensão do trabalho do trabalhador da educação. In: BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra**: exercícios sobre o trabalho do educador. 2ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PINEAPPLESTORMTV. Poetisas no topo 2. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/N7IF02EN4nE>. Acesso em: 10 out. 2021.

POLAK, Y. N. de S.; DINIZ, J. A.; SANTANA, J. R. **Dialogando sobre metodologia científica**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RARA, P. Cabelo bom (ao vivo). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/-puBwL4U4J4>. Acesso em: 27 set. 2021.

RARA, P. Falsa Abolição. **Youtube**, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/5VQFKDJ0Qzg>. Acesso em: 28 set. 2022

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, A. da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SABOTAGE. Canção foi tão bom. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/WF7LLI7r4Os>. Acesso em: 10 out. 2021.

SABOTAGE. O rap é compromisso. **Youtube**, São Paulo. 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZxISRzVHnY>. Acesso em: 10 out. 2021.

TAKETOMI, M. Sou negrão/Rappin Hood/clip. **Youtube**, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/LNoV96QhDVk>. Acesso em: 10 out. 2021.

**Recebido em:** 30/08/2023

**Aceito em:** 10/11/2023